

# A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E A BUSCA PELA NÃO ABJETIFICAÇÃO DO SEU CORPO: UM ESTUDO À LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO<sup>1</sup>

Amanda dos Santos Andrade<sup>2</sup>

Iran Ferreira de Melo<sup>3</sup>

## RESUMO

Este estudo tem por objetivo reflexionar acerca da busca pela não abjetificação do corpo com deficiência. Tendo por base o discurso como prática social, concepção da Análise Crítica do Discurso (ACD), entendemos o discurso como um meio de revelar as injustiças sociais entranhadas nos enunciados, visando a desentranhar os abusos de poder, de modo a conceder lugar de fala às minorias. Há uma relação bastante estreita entre corpo e discurso, basta pensarmos no valor que um discurso tem, a depender do corpo que o profere. Estudos assim se tornam necessários à medida que dão visibilidade a pessoas cuja existência está condicionada a um mundo que não é para PCDs. Ele é formulado para que pessoas com deficiência (PCDs) não existam. Para que se escondam e se refugiem nos cômodos de suas casas. A psicanálise explica que a alteridade é vivida pelo outro como uma ameaça, dessa forma, a deficiência visível no outro é abjeta a mim, porque em algum canto remoto da minha personalidade me vejo deficiente. Entendemos por corpo abjeto, aquele corpo que não importa num sentido político, corpo que não se encontra em pé de igualdade ao que se entende como “normal”. A teoria *Crip* se concentra no binário capacitado/não capacitado, analisando a performance desses corpos como uma questão política. De modo geral, ser *Crip* é uma tomada de posição

1 Ensaio científico apresentado ao CONEIL – UFRPE.

2 Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco.

3 Professor orientador: doutor, Universidade de São Paulo – SP.

a favor da inclusão e contra aqueles que se julgam capacitados, em detrimento daqueles que socialmente são descritos como não capacitados.

**Palavras-chave:** Discurso, Deficiência, Toria *Crip*, Não abjetificação do corpo.

## 1 INTRODUÇÃO

A análise crítica do discurso apresenta uma perspectiva teórica preocupada com as questões sociais. Mas nem sempre a Linguística se desenhou pelos moldes críticos da linguagem, veja:

A partir da década de 70, na Grã-Bretanha, houve uma mudança de foco dos estudos linguísticos que passou da descrição das propriedades formais da língua inglesa como sistema para o enfoque crítico da comunicação através de sistemas semióticos produzidos por sujeitos/as em determinados contextos situacionais e históricos. (CALDAS-COULTHARD, 2016, p. 199).

Como explica a autora, o entorno interativo passou a ser incluído nos estudos o que acarretaram grandes contribuições para os estudos da linguagem. Nessa direção, é inegável que “o discurso tem um papel central na construção de identidades e subjetividades e que é um dos maiores instrumentos de poder.” (CALDAS-COULTHARD, 2016, p. 199).

Gouveia (2002), ao apresentar um enquadramento histórico da análise crítica, explica que a expressão linguística crítica foi mencionada, pela primeira vez, em 1979. Roger Fowler e Gunther Kress, os percussores da abordagem crítica na linguagem, preocuparam-se com a ligação entre a estrutura linguística e a estrutura social, para além do que faziam os estudos da sociolinguística, “estes autores pretenderam demonstrar, com as suas análises que os grupos e as relações sociais influenciam o comportamento linguístico e não-linguístico dos sujeitos, incluindo a sua actividade cognitiva” (GOUVEIA, 2002, p. 336). Nesse sentido, a forma como os falantes utilizavam a sintaxe não era uma escolha consciente, e dessa premissa questões ideológicas e sociais começaram a ganhar destaque.

Nesse novo contexto, excluir os significados textuais, do escopo de uma descrição gramatical, seria negligenciar o estudo e reduzir o seu potencial. Isso se dá porque “se o significado linguístico é inseparável da ideologia, estando ambos dependentes da estrutura social, então a análise linguística deverá ser um instrumento precioso para o estudo dos processos ideológicos” (GOUVEIA, 2002, p. 336).

De fato, a linguagem é uma prática social, e sendo assim, pode ser considerada um mecanismo pelo qual a sociedade se orienta, se reproduz e se autorregula. Esta breve reflexão acerca dos avanços dos estudos críticos do discurso, vem para justificar a relevância desta proposta. Ao envolver o entorno do

discurso, este torna-se uma arma contra a opressão. E é isto que buscamos ao analisar criticamente discursos: desvelar relações de opressão e poder. Nessa direção, busco reflexionar sobre a pessoa com deficiência e a busca pela não abjetificação do seu corpo, relacionando essas reflexões à teoria *Crip*.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A pessoa com deficiência: a busca pela não abjetificação do seu corpo

De acordo com dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2021, pelo menos 45 milhões de brasileiros têm algum tipo de deficiência, cerca de 24% da população do país. 7,8 milhões, ou 3,8% da população acima de dois anos, apresentam deficiência física nos membros inferiores, enquanto 2,7% das pessoas têm nos membros superiores. É um número considerável. E onde estão essas pessoas?

A pessoa com deficiência (PCD) existe, embora as condições físicas e sociais não sejam tão acessíveis para a sua existência. A PCD tem uma luta maior, que não se resolve com a Lei de Cotas: é a luta pela não abjetificação do seu corpo.

Segundo o Dicionário Aurélio, abjeto se caracteriza pelo que é desprezível, na nossa sociedade, o corpo deficiente é abjeto, por ser um corpo incapaz que não performa naturalidade e que, por isso, altera nosso equilíbrio mental do que entendemos por normal, esse corpo ao querer se posicionar como um corpo social e político, movimenta as bases da nossa existência, desmantelando a racionalidade.

Andrade e Sólera (2006) em seu estudo *A deficiência como um “espelho perturbador”: uma contribuição psicanalítica à questão da inclusão de pessoas com deficiência* apontam para questões psicanalíticas inerentes ao homem e que o constituem tal como ele é, os autores explicam que ao nos reconhecermos como seres humanos funcionais, inteiramente capacitados, colocamo-nos no lugar do que é ideal, a imagem da deficiência perturba, porque de algum modo ela aponta para o corpo ideal denunciando-o como inalcançável. Em outras palavras:

a constituição do ser humano, como sujeito da linguagem, está marcada por essa alienação primordial imaginária no eixo a\_\_\_a (eu\_\_\_mim), isto é, pela imagem especular a partir da qual ele se estrutura e se aliena, pois nos reconhecemos inicialmente em uma imagem [eu ideal] que não corresponde

ao corpo fragmentado que experimentamos. Assim, se a imagem do deficiente perturba é porque ela devolve, em espelho, a imagem da deficiência, vivida por cada um, e que o corpo é testemunha. (ANDRADE; SOLÉRA, 2006, p. 86).

Porto (2016) e Fédida (1984), seguindo por uma abordagem freudiana, explicam que a deficiência nos faz encarar a imagem do primeiro eu já abandonada e esquecida por nós, veja: “uma angústia primitiva pela qual o sujeito reconhece novamente uma parte de si abandonada há muito tempo, que foi despertada a partir de determinados traços observados no outro.” (PORTO, 2016, p. 158). Andrade e Soléra (2006), embora aceitem esse apontamento do inconsciente, fundamentam sua pesquisa nos estudos de Lacan sobre Real, Simbólico e Imaginário, os autores explicam que a materialidade do corpo se encontra numa zona inacessível e irrepresentável: o Real, e é a partir dele que nasce o simbólico e as significações em torno do eu e do corpo. Assim,

Dizer que nosso corpo testemunha uma alienação a partir da qual o [eu] se constitui significa, portanto, dizer que nossas experiências de corpo fragmentado, de impotência motora e de dependência inicial frente ao desamparo que nos encontramos ao nascer ficam em nós como marcas, não simbolizadas. Essas marcas da ordem do real formam uma “escrita” que “insiste” constantemente em entrar na cadeia simbólica, processo onde a angústia tem uma ação marcante. Se esse é um processo de desvendamento constante, que ocorre na subjetividade do ser vivo e é externado na repetição e através dela, a situação de análise, no jogo da transferência que aí se instala, é um lugar privilegiado para surpreendê-lo e um recurso maior para o trabalho do psicanalista. O encontro com o Real produz sempre a angústia de castração. É nesse sentido, primeiramente, que a imagem da deficiência perturba. No encontro com o deficiente vimos emergir “isso” que é da ordem do Real, ou seja, marcas da nossa própria debilidade e da nossa impotência que ficaram excluídas da imagem pela qual o sujeito se reconhece. (ANDRADE; SOLÉRA, 2006, p. 87-88)

Mesmo que a deficiência envolva questões psicológicas, seria imprudente desconsiderar a construção ideológica dela, na sociedade. Fédida (1984) já mostrava preocupação com que a psicanálise fosse utilizada de forma secundária em estudos sobre a deficiência, no entanto, toda abordagem que busque compreender como a deficiência é lida pela PCD e pela sociedade – mesmo que psicanalítica –, será bem recebida nesta proposta, porém não suficiente

para um estudo que busque seguir por esse caminho da linguagem. Como suporte linguístico McRuer mescla os estudos da deficiência aos da teoria *Queer*, gerando, assim, a *Crip Theory*.

## 2.2 CRIP THEORY: SUPORTE LINGUÍSTICO PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é um campo interessado em:

analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestas na linguagem. Em outras palavras, a ACD almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso). (WODAK, 2004, p. 225).

Derivado de *cripple*, que, em inglês, significa aleijado, a expressão *crip*, foi utilizada por McRuer (2006) como uma forma de construir um enfrentamento ao que é tratado como pejorativo, seguindo a mesma lógica do termo *Queer*, essas expressões “Constituíam/constituí um xingamento contra pessoas que mostram fissuras nos sistemas de reconhecimento disponíveis” (BORBA, 2021, p. 10), mas foram ressignificadas – uma estratégia de contrabando discursivo.

Magnabosco e Souza (2018) explicam que a teoria aleijada se dirige para aquilo que se encontra em desacordo com o que é tido como normal, como corpo ideal, dominante; e busca, principalmente, desconstruir os binarismos – como capacitado/não capacitado – apontando-os como não normais, constituídos social e politicamente e hierarquizados. Para os autores devemos questionar as bases “que reforçam a estigmatização e a opressão, explicitando seus mecanismos de penetração e perpetuação sociais, bem como trazer à visibilidade as identidades dissidentes, que não se encaixam nos padrões propagados pelas ideologias hegemônicas” (Magnabosco e Souza, 2018, p. 10).

A caracterização do corpo capaz é uma construção capitalista, situada a partir do quanto potente um corpo é para o trabalho. Assim, os padrões de performatividade são perseguidos e desejados, e o corpo lido como incapaz é abjetificado. A questão é que a capacidade total do corpo é uma busca pelo ideal, portanto, está no campo do idealizado, não é algo, de fato, alcançável. Observe:

Se a distinção entre capacidade reduzida/discapacidade e capacidade completa não se pode alcançar, é possível para o sujeito e as identidades ir mais além do limite e não desejar-se posicionar como perfeito ou imperfeito. Isto é possível, segundo McRuer, através da impossibilidade de alcançar a perfeita capacidade física; em relação a esta todos de alguma maneira somos submissos. Isto da possibilidade de uma posição relativamente geral que sobretudo os 'normais' tolerantes destacam, quer dizer, que "todos somos discapitados de alguma maneira", o que implica que todos estamos na mesma situação. Para McRuer, esta ideia é desafiante, já que rompe com a barreira nós-eles, mas também pode ser bastante favorável para os neoliberais, já que é possível reduzir as obrigações. (VERA O.,2008, p. 01)

Gavério (2016) na resenha que faz da obra *Feminist, Queer, crip* de Alison Kafer, traz questionamentos válidos para se pensar a teoria crip, inicialmente ele se direciona para como a deficiência é constituída como um conflito político, partindo da pergunta "A quem e como interessa tornar extremamente mensurável um corpo como deficiente?" a hierarquização do corpo é construída social e culturalmente, de modo geral:

entre 'deficientes' e 'não deficientes' não existe uma diferença fundamental e determinada seja no corpo, no indivíduo, na sociedade ou cultura. O que existe é uma disputa política em variadas instâncias de relações de poder para fundamentar e determinar o que é ou deixa de ser deficiência e quem e como se enquadra nessa categoria. (GAVÉRIO, 2016, p. 168)

Significar o corpo é gerar produto, o corpo perfeito requer recursos, que, no caso da deficiência são inalcançáveis, compreender como esses discursos são formados e como sustentam essas posições é agir contra o sistema que nos é imposto, ser *crip* é um posicionamento político.

## CONCLUSÃO

Nesta breve reflexão estão os primeiros esboços e pensamentos da minha dissertação, ainda há muito para trilhar e para buscar de material, muito raros em língua portuguesa, inclusive. De modo geral, a teoria *crip* não vai buscar por afirmação ou identidade, mas sim pela desconstrução da abjeção que se sustenta por meio do discurso.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Lúcia de Araújo; SOLÉRA, Márcia Oliva. A deficiência como um “espelho perturbador”: uma contribuição psicanalítica à questão da inclusão de pessoas com deficiência. In **Mudanças** – Psicologia da Saúde, p. 85-93, 2006.

BORBA, Rodrigo. Linguística queer: algumas desorientações. In **Discursos transviados**. Cortez, 2021.

FÉDIDA, P. (1984). A negação da deficiência. In **A Negação da Deficiência: A Instituição da Diversidade**. Rio de Janeiro: Achiamé & Socius.

GAVÉRIO, Marco Antonio. FEMINIST, QUEER, CRIP. In **Revista FloRestan FeRnandes**, p. 165-173, 2013.

GOUVEIA, Carlos A. M. Análise crítica do discurso: enquadramento histórico. In **Análise Crítica do discurso**, 2002.

MAGNABOSCO, Molise de Bem; SOUZA, Leonardo Lemos de. Aproximações possíveis entre os estudos da deficiência e as teorias feministas e de gênero. In **Rev. Estud. Fem.**, 2019.

PORTO, Tiago da Silva. A incômoda performatividade dos corpos abjetos. In **IDE**, 157-166, 2016.

VERA O., Marcela. **Robert McRuer mezcla los estudios queer con los de discapacidad, y se atreve a pensar en que otro mundo es posible...** Disponível em: <<http://faptdivers.blogspot.com/2008/02/teora-crip.html>>. Acesso em: 25 nov 2022.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos, In **Linguagem em (Dis)curso**, p. 223-143, 2004.